

© Sibila Publicações



A INCONSTANTE

© Sibila Publicações



MARIE DE RÉGNIER

SOB O PSEUDÓNIMO DE
GÉRARD D´HOVILLE

A INCONSTANTE



TRADUÇÃO E PREFÁCIO DE
NUNO JÚDICE



Sibila
PUBLICAÇÕES

L I S B O A

Título: *A Inconstante*

Título original: *L'Inconstante*

Autora: © Marie de Régner

Edição original: Calmann-Lévy Éditeur

Paris, 1903

Tradução: © Nuno Júdice

© 2019 Sibila Publicações

admin@inespedrosa.com

www.sibila.pt

www.facebook.com/sibilapublic

www.twitter.com/sibilapublic

Este livro pertence à Coleção Mulheres de Palavra.®

Sibila Publicações é uma chancela editorial de:

Nas Tuas Mãos Unip. Lda.

Lisboa, Portugal

Editores: Inês Pedrosa, Gilson Lopes

Design, paginação e produção: Above Below Comunicação Unip. Lda.

Revisão: Dulce Reis

Distribuição: Sibila

Imagem de capa: Jean-Louis Forain, *Retrato de Marie de Régner*, 1907. Paris, Museu Carnavalet. © Photothèque des Musées de la Ville de Paris

Ilustração pp. 2, 3: *Retrato de Marie de Régner*. Gravura. Autor desconhecido

Foto p. 4: Paul Boyer, *Retrato de Marie de Régner* (1908-1909). Biblioteca Nacional de França, Arsenal, fundo fotográfico Régner

1.ª edição: Setembro de 2019

Tiragem: 650 exemplares

ISBN: 978-989-54367-3-6

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita dos editores. Respeite o direito de autor. Diga não à cópia.

ÍNDICE

Prefácio	9
Primeira Parte	13
I	15
II	23
III	31
IV	41
V	51
VI	59
Segunda Parte	65
I	67
II	79
III	89
Terceira Parte	99
I	101
II	115
III	131
IV	143
Notas biográficas	151

© Sibila Publicações

Uma constante imoralista

Em 1903 é publicado o romance *A Inconstante* assinado por Gérard d'Houville. Nunca se ouvira falar deste autor, e é provável que, à parte um reduzido número de eleitos, ninguém soubesse que, por trás desse pseudónimo masculino, se escondia Marie de Régnier, que já publicara com o seu nome poesias de inegável qualidade. Filha de José-Maria de Heredia, poeta de ascendência cubana e autor de um livro que lhe valeu a fama, *Os Troféus*, o apelido Régnier vem do marido, também ele escritor com uma obra vasta em vários géneros, Henri de Régnier. A história podia ficar por aqui se, para além destes factos normais, não tivéssemos por trás o mundo do parnasianismo-simbolismo dessa transição de século XIX para XX e a roda da alta burguesia e da pequena aristocracia que fez a fama dos salões literários e da cultura desse período que irá surgir descrito na obra de um dos seus frequentadores, Marcel Proust.

A pergunta que se pode colocar é esta: porque assinou Marie de Régnier o seu romance com um pseudónimo, que irá ter uma vasta obra posterior? A resposta está na leitura deste romance que mostra a liberdade de costumes de uma recém-casada que, não tendo qualquer afinidade com o

marido, vai procurar o amor com jovens frequentadores do seu meio. O assunto é delicado e seria escandaloso, do ponto de vista da moral dominante, assiná-lo com o seu nome, ou mesmo com um pseudónimo feminino, o que só iria acentuar a provocação. Para compreender melhor a ousadia de Marie de Régnier, convém lembrar alguns pormenores da sua biografia: o pai, José-Maria de Heredia, arruinara-se com o vício do jogo. Para resolver os problemas financeiros da família, deu a mão da filha Marie, cortejada tanto por Henri de Régnier como por Pierre Louÿs, mas apaixonada por este último, ao mais rico dos dois que era Henri, disposto a pagar as dívidas do futuro sogro. A boda celebrou-se em 1895, depois de uma cerimónia e de uma festa a que assistiu o *tout* Paris social e intelectual; mas as núpcias, durante três dias num hotel de Versalhes com a chuva a bater nos vidros, foram um desastre, e Marie viveu uns tempos de tédio com esse marido, enquanto Pierre Louÿs, furioso com o pai Heredia por não ter optado por ele para casar a filha, andou entre a Argélia e Sevilha para se consolar com as naturais, acabando por trazer do Norte de África uma beldade, Zohra bent Brahim, que será uma amante que irá ter um êxito na noite boémia de Paris.

Esse episódio amoroso será interrompido quando Pierre e Marie retomam a ligação, após uma troca de mensagens, sob iniciais, no *Echo de Paris*, que levará ao encontro, em que se tornam amantes. Mas Louÿs cansa-se de Paris e parte para o Egipto; para se vingar, Marie torna-se amante de um jovem prosador, Jean de Tinan, que morrerá jovem, aos vinte e quatro anos, devido a uma doença cardíaca, pouco depois do regresso de Pierre e do nascimento de um filho que Marie não sabe, ao certo, se é de Tinan ou de Louÿs, embora este fique convencido da paternidade já que Henri, o marido, não tem voto na matéria. É por esta altura que vão os três, Marie, o marido e o amante, em excursão a Amesterdão, numa viagem em que os dois se unem para mostrar a Henri que ele não faz parte da companhia amorosa.

Tudo isto está documentado porque Louÿs, além de autor de obras que tiveram sucesso, como *As Canções de Bilitis*, de tema sáfico, *Afroditite* ou *As aventuras do rei Pausolo*, entre livros de poesia e obras pornográficas de circulação mais ou menos clandestina, era um fotógrafo que registou imagens entre o público e o privado das suas amizades e amantes, entre elas vários nus de Marie. Sucede, entretanto, que a irmã mais nova de Marie, Louise, se apaixona por Louÿs e Marie, pensando que seria mais fácil prosseguir a sua relação se ele entrasse na família, o encoraja a fazer esse casamento. A situação, no entanto, vai tornar-se difícil devido aos problemas financeiros de Louÿs e ao seu desinteresse por Louise, conduzindo ao afastamento de Marie que, ao longo de várias décadas, irá encontrar outros amantes de melhor estatuto, entre os quais se contam o empresário de teatro de boulevard Henri Bernstein e o escritor de grande sucesso literário e feminino, entre Casanova e o *condottiere*, Gabriele d'Annunzio.

Regressando ao romance, *A Inconstante* é um livro em que Marie, já depois do fim da sua aventura com Pierre, põe em cena essa entrega absoluta ao epicurismo em que as personagens são, com outros nomes, o marido Henri, o amante Pierre e, num intervalo amoroso, Jean de Tinan. A sua leitura levará a que Pierre Louÿs, vendo-se retratado sob uma imagem que não lhe agrada e descobrindo que a amante dá a público a traição com o amigo, se enfurece. De facto, para o pequeno meio dessa elite intelectual, nada era segredo, e o nome por trás do pseudónimo torna-se ainda mais claro quando Marie coloca citações do pai, José-Maria de Heredia, e do próprio marido, Henri de Régnier, ao longo do livro, talvez para melhor se dar a conhecer e revelando aos bons entendedores, sem qualquer pudor, o adultério que vivera com Pierre Louÿs e com Jean de Tinan.

Mais interessante ainda, numa época que vivia sob um rígido código de conduta, o modo como a personagem assume sem a mínima noção de culpa o adultério duplo, e

a traição ao próprio amante e como, no final, não aceita qualquer remorso pela consequência do seu acto, colocando o prazer em primeiro lugar, pode colocar Marie de Régnier na linha de uma atitude «imoralista», que André Gide põe em cena no romance de 1902, *O Imoralista*, em que conta sob nomes fictícios as suas núpcias argelinas com Madeleine, não consumadas, e o seu fascínio pelos jovens árabes. Um ano depois, *A Inconstante* apresenta esse mesmo imoralismo como um ideal de vida que a sua personagem assume, e propõe, de uma forma tão radical que, ainda hoje, faz com que a sua leitura seja uma surpresa tanto nessa ruptura com os valores sociais, rejeitando as imposições do casamento, como por uma escrita que prende o leitor da primeira à última página.

E podemos evocar um outro livro em que uma mulher tem o mesmo comportamento: a peça *Sabina Freire* de Teixeira Gomes, publicada em 1905, em que a mulher que procura a riqueza e o prazer acima de tudo também vai, sem qualquer complexo de culpa, gozar os proveitos de uma viuvez de que ela é responsável ao provocar o suicídio do marido que bebe o veneno que era destinado à mãe para, desse modo, ela poder usufruir da sua fortuna.

André Gide, Marie de Régnier, Teixeira Gomes, estetas e epicuristas, formam a trindade que bem pode representar o espírito dessa Belle Époque que vem do fim do século XIX e só terá fim com a guerra de 1914-1918. Como sugestão final, completemos *A Inconstante* com a releitura de *O Imoralista* e de *Sabina Freire*.

NUNO JÚDICE

PRIMEIRA PARTE



Não se brinca com o amor...

ALFRED DE MUSSET



© Sibila Publicações

O lago de Auteuil em 1867. Ilustração de Émile Hochereau, gravura de Hildibrand. Henri Corbel (1868-1942), *Petite histoire du Bois de Boulogne*, Éditions Albin Michel, 1931, reproduzido a partir de *Les promenades de Paris: histoire, description des embellissements, dépenses de creation et d'entretien des Bois de Boulogne et de Vincennes, Champs-Élysées, parcs, squares, boulevards, places plantées, etudes sur l'art des jardins et arboretum*, Adolphe Alphand (1817-1891), J. Rothschild, Editeur, 1867-1873.

I



A SENHORA VERNoy CHEGOU cerca das seis a casa da amiga. Mal a porta se abriu, o espelho da entrada deu-lhe a imagem de um rosto delicado um pouco enrugado, de grandes olhos cujas pálpebras inferiores estavam ligeiramente inchadas. Quase não se julgou bonita. Mas o reflexo voluptuoso do seu próprio olhar fez-lhe subir às faces um furtivo rubor; e talvez por causa desse rubor, o seu amante, que a esperava prolongando a visita desde as cinco e vinte cinco, julgou-a mais encantadora do que nunca. Num relance, Gillette Vernoy viu que ele estava ali; mas como tinha vindo só por sua causa, disse-lhe boa-tarde em último lugar e com uma certa negligência. Cumprimentou primeiro, cortês, indiferente e apressada, numerosos convidados dos dois sexos, beijou várias senhoras e disse muito pausadamente ao seu amigo:

— Boa-tarde, cavalheiro.

Ele respondeu, numa vénia, com esta pergunta:

— Tem passado bem, minha senhora?

Amavam-se há bastante tempo — pelo menos, era o que lhes parecia —, e não o tinham pressentido senão na vés-

pera, pela primeira vez. Tinha sido tudo muito gentil, muito amigável. Há cinco meses que se encontravam e tinham logo gostado um do outro. Ela aborrecia-se, casada desde há dois anos com um marido que a amava muito e que ela só amava com metade do coração. Ele fazia-a muito feliz, mas não tinha nenhum dos seus gostos. Os seus dias pareciam devorados à partida por intermináveis corridas de automóvel, enquanto a mulher odiava o vento, a velocidade e a poeira. Preferia os passeios tranquilos e as coisas lentamente fugitivas. Inconsciente e terna, com uma pequena alma — caso o fosse — delicadamente pagã, num longo corpo encantador cheio de graça e como que estendido numa eterna preguiça. Morena, à sombra; ao sol, um pouco ruiva; os olhos cheios de reflexos e uma pele dourada; um coração triste e inconstante, o ar afectuoso e impertinente dos animais domésticos. Bonita, talvez; ao mesmo tempo desejável como mulher e tocante como criança. Tinha vinte anos; o seu amante, apenas vinte e quatro. Ele era um rapaz sedutor com mãos femininas, um bigode muito doce e pestanas acariciadoras. Escrevia livros e tinha, sem dúvida, muito talento, como todos os jovens cheios de futuro. Ele era o seu primeiro amante, ela não era a sua primeira, e as diferenças das suas duas naturezas garantiam-lhes tudo o que era preciso para sofrer de forma consentida.

Ela era franca e espontânea, e, quando Valentin de Vérovre lhe tinha perguntado se ela queria amá-lo um pouco, — como as crianças se perguntam: «Queres brincar comigo?» — tinha dito sim, sem coqueteria, com simplicidade.

— Quero muito; é tão gentil! Mas nunca chego a horas e receio bem vir a ser uma amante insuportável.

— Também sou muito mau, eu!

E tinha-a beijado, logo, no ombro, porque estava escuro nesse canto de sala vazio por causa do bufete, e o seu decote escorregava. Depois tinham feito as suas combinações: ela aceitou tranquilamente ir a casa dele, como se fosse em todo o Paris o lugar melhor escolhido para não se deixar comprometer.

Foi lá, um dia, cinco minutos, para ver se o cenário lhe agradava, para se habituar ao longo trajecto, ao prédio, ao apartamento, aos móveis. Mexeu nos bibelôs, entreabriu os livros, folheou os papéis sobre a mesa, provou alguns bombons. Sentaram-se depois ambos no divã, capturados por uma perturbação delicada, quase tímidos por estarem assim livres, e tão sós. Com um braço rodeou-lhe a cintura. A cabeça de Gillette, sob o peso de um grande chapéu decorado com jacintos, apoiou-se no ombro do rapaz. O abraço das suas mãos foi longo e doce; ele olhava-a no fundo dos olhos. Interrogou:

— Quando?...

E ela não respondeu; estava invadida de torpor, teria gostado de adormecer.

Mas ele beijou ligeiramente as suas pálpebras, um pouco malvas como certas conchas arredondadas: pensou, durante esse beijo, nas pupilas mutáveis e marinhas, na amargura das lágrimas salgadas.

— Não... amanhã! — disse baixinho. — Amanhã! Diga-me? Porque, se aqui voltar, terei a certeza de que é porque o deseja muito. É preciso que tenha de voltar. Hoje, querida, é o nosso noivado.

Ficaram assim muito tempo, apertados um contra o outro; depois ela libertou-se, partiu, querendo levar intacta e apenas terna a lembrança desse primeiro encontro.

Agora, em casa da amiga, tomando o chá, maliciosamente correcta, pensava, com um sorriso, na segunda visita, na expedição da véspera. O belo caminho de Auteuil até ao cais Bourbon; os cais, frequentemente percorridos pelas suas caminhadas meditativas e solitárias, os dois andares transpostos com a serenidade de uma má consciência: o som bizarro que têm as campainhas nessas velhas casas!... Tinha esperado um pequeno instante no patamar, sem impaciência, sem apreensão e sem remorso. Depois, um ruído de cadeiras, de passos; e ele a abrir-lhe a porta tão gentil-

mente, a puxá-la para ele com um braço e a beijá-la nos olhos, na testa, ao acaso.

Levou-a docemente para o quarto. Ao lado da cama, numa mesinha do século XVIII, um ramo de peónias resplandecia, espalhando um odor ácido e fresco; os seus caules verdes entrelaçavam-se na água da jarra de cristal como longas pernas de ninfas.

— Amo-te, Gillette! — suspirou Valentin, oprimido pela vizinhança, tão próxima, dos pequenos seios da sua amiga.

— Não! Não! Não me ames! Por favor!... não nos podemos amar, sabes bem...

— Então, não é a sério, cara senhora?

— Não, é para rir.

— Ou para chorar, menina — disse Valentin, quase com tristeza.

Mas o corpete esvoaçou, agitando as fitas das ligas como bandeirolas de festa, e Gillette ficou toda nua com um impudor tão ingénuo que nem sequer pensou nisso.

O seu bonito rosto tornou-se grave e terno. A sua expressão era a de um animalzinho amedrontado. O nariz respirou fracamente. Sentia que planava sobre ela algo de temível e de divino. Entre as suas pestanas, um grande leque, que viu na parede, pareceu-lhe uma asa misteriosa.

Um silêncio. A tepidez de Junho entrava pela janela aberta, através das portadas meio fechadas. Uma respiração cansada, um gemido ligeiro, e como que um arrulhar encheu o pescoço de Gillette. Junto dela, as peónias desfolhavam-se, empalidecendo, e enchiam o quarto com o seu aroma de rosa misturado com limão; os seus tufo desgrenhavam-se em pescoço de pomba, e, no travesseiro e nos pesados cabelos, as pétalas caíam como penas.

Lembrava essa hora com uma felicidade sem remorso. A sua infantilidade voluptuosa soubera enchê-la com tanta ternura e camaradagem que qualquer perturbação, qualquer emoção, tinham sido banidos. Nem uma só vez,

Gillette, na sua ingenuidade selvagem, pensou que talvez tivesse feito algo de mal. Não acreditava sequer, ao voltar a casa um pouco lânguida, que tivesse algo a censurar-se. Reviu Vernoy com amizade, perguntou-lhe pelo dia, e foi verdadeiramente sem hipocrisia que lhe disse, enquanto comia a sopa:

— Como foi boa a tarde!

Gillette tinha uma alma simples.

De igual modo, o prazer de ver Valentin em casa da sua amiga lia-se-lhe no seu rosto com uma sinceridade tão flagrante que, quando os dois partiram juntos, imprudentemente, a dona da casa se julgou muito fina lançando esta frase, talvez com duplo sentido:

— Formam mesmo um bonito casal!

Valentin acompanhou Gillette durante algum tempo. Ela andava bem, com a elegância desempoeirada das mulheres que não têm por hábito andar sempre de carro. Levantava a saia elegantemente, mostrando os pequenos sapatos cinzentos e as meias, e as pessoas olhavam-na ao passar.

— Hão-de vir atrás de si, tenho a certeza! — disse Valentin.

— E confesso que isso me diverte —, respondeu ela, ingenuamente.

— Mas Gillette, minha querida, não teve uma boa educação?... Os seus pais não a educaram?... Vejamos, não se volte! Porta-se sempre assim tão mal, ou está a fazer isso para me dar prazer?

— Não me porto mal, Valentin! Não tenho culpa se os jovens, os homens maduros e os velhos andam atrás de mim!... Quando entro numa pastelaria, também eles entram e vêem-me tirar a luva de tal maneira que tenho a impressão indecente de estar a despir a minha mão!

— Gillette! Tenho medo que tenhas maus instintos.

— Julgas isso?

— Dormiste bem esta noite? Tenho a certeza que não, que pensavas em mim. Diz, conta?

— Oh não! Já te tinha visto o suficiente! Dormi muito bem, tudo escuro!... E sonhei, perto da manhã, que tinha voltado a ser criança e me tinham comprado um boneco polichinelo.

— Que se parecia comigo?

— Como um irmão!

— Será então gentil com as mulheres!... Virás na terça, minha querida, sem falta, às cinco.

— Entendido. Ah! o que é que tenho na terça? A costureira, o dentista, o dia da minha tia...

Sorriam, em frente um do outro, como crianças maliciosas que tramam uma partida.

— Virei, virei! Não serei nada pontual, amar-te-ei muito.

— Como me agradas, pequena Gillette!

* * *

Gillette era, sem dúvida, uma amante suportável. Não era muito pontual; mas, esperando-a já passava das cinco quando tinha prometido chegar às quatro precisas, podia considerar-se que chegara à hora. Gillette não tinha demasiados defeitos, o que vale mais do que ter todas as qualidades.

Gillette não era ciumenta. Nunca dizia: «Jura-me! Ah! Se alguma vez souber! Proíbo-te! Morrerei por causa disso! etc.» Todas essas frases lisonjeiras e de uma extrema variedade, nunca as tinha dito nem ao marido nem ao amante; e isso vexava um pouco Valentin, que lhe perguntou uma vez:

— Mas enfim, e se eu te enganasse?

Respondeu-lhe com estupefacção:

— O que é que queres que isso me faça?

Gillette não era mentirosa. Só não contava ao ma-

rido que o enganava porque não gostava de magoar ninguém. Mas não inventava nenhum pretexto mentiroso para justificar as suas longas ausências. Quando chegava muito atrasada, respondia veridicamente às perguntas conjugais, com o seu ar de gaiata cândida:

— O meu amante não me queria deixar partir.

E o marido considerava sempre essa desculpa como uma brincadeira de mau gosto.

Gillette não era açambarcadora. Não agarrava toda uma vida, mas dava algumas horas da sua. Não obrigava Valentin a ir encontrá-la em sociedade. Se não o via, não pensava nele.

Gillette não era pérfida. Incapaz de maldade consciente, desprovida dos sentimentos vis e mesquinhos de algumas mulheres, era infiel ao marido, mas quase sem se dar conta disso e esperava ser fiel ao amante.

Gillette não tinha sombra de sentido moral, o que lhe poupava reflexões inúteis sobre a sua conduta e remorsos ainda mais inúteis. Talvez nunca tivesse dito para consigo: «Tenho um amante», e sobretudo não: «É mau ter um amante.» Era assim.

Tinha afecto pelo marido, como por um irmão, um amigo, um pai ainda novo. Nunca um marido enganado foi menos ridículo aos olhos da sua mulher, e mesmo aos do amante da sua mulher.

Valentin tentou fingir ciúmes; mas ela exclamou, com uma candura que desarmava:

— Oh! Não! Porquê?... Gosto muito dele, tu sabes no fundo!

Gillette, não tendo vícios, não tinha pudor; tinha em todos os seus gestos um à-vontade simples e primitivo de selvagem: a decência é uma virtude da civilização. Vê-la pentear-se nua em frente de um espelho alto, com os braços erguidos para enrolar em capacete os cabelos, era a alegria do seu amante.

Também gostava de preguiçar na grande cama, com

as portadas fechadas, pensando que era melhor estar deitada durante o dia do que à noite.

Vestia-se depressa e sozinha, e despia-se mais des-tramente e mais depressa ainda. Mas, apesar dessa presteza momentânea, era a indolência personificada. Tinha por vezes movimentos sorrateiros de um bonito animal preguiçoso. Era gulosa; era graciosa e ligeira; sabia calar-se; nunca prometera ao amante amá-lo para sempre.

— Que sabemos nós? — argumentava, com indecisão e melancolia.

Essa ausência de defeitos morais era compensada por algumas belas qualidades físicas, tais como a doçura delicada da pele, e as ondas da envolvente cabeleira. Os olhos eram doces, muitas vezes tristes e sempre infantis. E quem poderá exprimir alguma vez toda a graça da sua ternura?

II



A MÃE DE GILLETTE ERA CRIOLA. Os seus bisavós, de origem francesa, tinham embarcado, em finais do século XVIII, para uma das ilhas voluptuosas que embala o mar das Antilhas, à procura de uma herança quimérica. Gillette ouviu falar com frequência, na sua infância, dessa fabulosa herança Gauferlon, cujas histórias confusas se reduziram depressa, na sua cabecinha, ao facto de que não tinham recebido nada. Essa admirável terra tentou os herdeiros desiludidos: compraram, construíram, plantaram e viveram aí até à abolição da escravatura. A mãe de Gillette, a menina de Berreuille, foi a última a nascer na fábrica de açúcar do Cédron. A família voltou a fixar-se em França.

Aquela família era muito complicada, as suas histórias variadas, os seus parentescos inextricáveis. Gillette, embalada nos joelhos da velha negra Celina, que tinha vindo com a mãe para França, guardava uma recordação nebulosa das coisas que ela lhe tinha contado. A vida do seu tio-avô Philibert tinha-a divertido como um romance.

O senhor Philibert, nascido em Saint-Nazaire, tinha feito estudos brilhantes e destinava-se a seguir o politécnico. O velho Philibert opôs-se a isso; queria que o filho

fosse um grande comerciante e mandou-o fazer a aprendizagem numa casa bancária no Havre. O jovem Philibert exerceu aí a sua actividade seduzindo a filha do patrão, que raptou sem demora, aproveitando um baile de máscaras. Esses jovens gozaram em paz a lua-de-mel ilegítima nos arredores da cidade, enquanto vários amigos de Philibert, para despistar os perseguidores, partiam, no mesmo dia, cada um com uma mulher, para um lugar diferente. Apesar dessas sábias precauções, foram apanhados; o inflexível banqueiro mandou meter na prisão o jovem sedutor, e a filha num convento. O velho Philibert propôs casar os imprudentes, mas a jovem recusou, querendo expiar com uma vida de orações o que as freiras rapidamente a tinham feito considerar como um crime. Morreu muito jovem, de remorsos e arrependimentos, enquanto o jovem Philibert, em liberdade, prosseguindo o curso das suas aventuras, ia buscar fortuna na América.

Depois deste início que tinha apaixonado a cabeça de Gillette, a sua memória, como a de Celina, tornava-se confusa. O certo é que o senhor Philibert foi, a partir de então, um bígamo bastante importante. De regresso a França, aí se casou, e mais tarde, numa das suas numerosas viagens, raptou e desposou uma jovem chamada Georgina de Maracaibo... era ruivo, de pequena estatura e muito feio, mas irresistível junto das mulheres. Pintava de preto os bigodes e distinguiu-os várias vezes, comicamente e pouco a propósito, nos próprios lábios da amante — a menos que esse pormenor tivesse sido acrescentado por Celina para fazer rir a menina. Ganhou vários milhões em tarefas muito diversas, e, com sortes contraditórias, perdeu-os para os voltar a ganhar e perder até à perda definitiva. Perdeu também um filho de tenra idade que adorava, e levava atrás dele, em terra e no mar, o leve caixão de madeira preciosa que servia à vez de mesa de jogo ou de jantar e que acabou queimado no incêndio de um navio. Não se soube ao certo como tinha sido a morte do senhor Philibert. A sua vida

descontrolada e as suas aventuras, algumas delas bastante desonestas, tal como vários dos seus empreendimentos, fizeram o desespero da família. Os pais, antes do seu nascimento, não tinham senão nove filhas e gemiam por não ter varão: chegou em décimo, e foi esse espantoso senhor Philibert.

Celina também sabia confeccionar guloseimas de noz de coco, que Gillette trincava ao ouvi-la. Descrevia-lhe as montanhas mágicas, os caminhos escarpados onde só se ia a cavalo, ladeando os precipícios; as florestas virgens, as águas puras e as fontes quentes; as árvores espalmadas e estendidas e as avenidas de *palmas reales* de troncos lisos, de copa alta e verdejante; a frescura das varandas à volta dos pátios plantados, os longos corredores lajeados onde se ouve, no silêncio, as gotas da água que filtram, para a tornar ainda mais pura, as pedras porosas das *tinajeras*... Ela contava a dança do *zapateado* ou *zapateo*, que dançam, à noite, depois das colheitas, os índios, ali chamados «brancos da terra»; os homens morenos, cor de charuto, enlaçando as suas mulheres pálidas e rosadas como as flores desse tabaco que cultivam. E contava como se vai, à noite, levando na cintura uma lanterna de furta-fogo, surpreender e destruir as lagartas que comem as folhas preciosas. Ela narrava a vida preguiçosamente activa das grandes fábricas de açúcar e dos cafeeis; os negros felizes em casa dos bons senhores que eram os Berreuille, e as negras frequentemente tão belas, quando jovens, que desviavam por vezes das suas mulheres os maridos das brancas mais encantadoras. Ela gabava a hospitalidade bíblica, a grande mesa sempre posta para quem quer que chegasse, com os seus fogareiros cobertos de tachos onde ressaltavam o arroz de neve e os feijões púrpura; as viagens de macho, as visitas nesses bizarros veículos de rodas altas chamados charretes; as pessoas vindas por oito dias que ficavam oito anos: tal como esse extraordinário cavaleiro de Balanqué, que passava as horas quentes completamente numa tina de água, não dei-